



A INSERÇÃO DA PROFISSIONAL FISIOTERAPEUTA EM MODALIDADES ESPORTIVAS MASCULINAS

Antonia Elaine da Costa Bizotto^a, Júlia Masiero Cardoso^a, Kamilly Noronha da Silva^a, Rafael Plein^b, Caroline Bernardes^{a*}

^a) Curso de Fisioterapia, Centro Universitário da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, RS

^b) Clínica de Fisioterapia Rafael Plein Sports, Caxias do Sul, RS

Informações de Submissão

*Caroline Bernardes,
endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 -
Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472

Palavras-chave:

Fisioterapia. Feminismo. Igualdade de Gênero.

Resumo

Introdução: As mulheres, de fato, viveram um conservadorismo extravagante em meados do século XIX. A destinação de tarefas e privação da mulher em diversos contextos era, e ainda é, muito relacionado a suposição de superioridade do masculino sobre o feminino. O curso de fisioterapia, integralmente possui uma prevalência de bacharéis feminina maior que a masculina, porém, pouquíssimas destas atuam na área esportiva. Este estudo tem o intuito de verificar a inserção de Fisioterapeutas em clubes de modalidade esportivas masculinas, membros da Sociedade Nacional de Fisioterapia Esportiva e da Atividade Física (SONAFE). **Metodologia:** Analisou-se, portanto, o perfil de 27 profissionais membros da SONAFE selecionados às cegas do banco de dados. **Resultados:** Em relação ao local de atuação, 3 dos perfis femininos analisados residiam no estado do Rio Grande do Sul, 2 no estado do Paraná, 1 em São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais, totalizando 8 fisioterapeutas. A área de atuação destas mulheres relacionadas à Fisioterapia Desportiva mostra, mesmo que inconscientemente e enraizado na sociedade, a dificuldade de acesso neste âmbito. **Conclusão:** Constatou-se que apenas 7% das mulheres analisadas estavam inseridas em equipes masculinas contra 17% dos homens. Dentro deste âmbito, torna-se cada vez mais relevantes discussões de gênero que venham a esclarecer e destruir as raízes machistas que encontram-se fixas no contexto esportivo.

1 INTRODUÇÃO

A construção social e histórica de gênero entre as civilizações é predominante na sociedade há tempos (BRASIL, 2004). As leis, políticas públicas, atitudes e comportamentos sociais são confrontadas com um mundo predominantemente masculino (BERTOLLO & SCHWENGBER, 2017), sendo diretamente proporcional a

relação entre machismo e sua réplica durante todo esse período na comunidade (FRANZINI, 2005).

As mulheres, de fato, viveram um conservadorismo extravagante em meados do século XIX. Eram vetadas de participação social, de exercer sua cidadania, sendo destinadas única e exclusivamente aos cuidados da casa e da família (GOELLNER, 2006). A destinação de tarefas e privação da mulher em diversos contextos era, e ainda é, muito relacionado a suposição de superioridade do masculino sobre o feminino (KNIJNIK & SOUZA, 2011), fato visto que a maior representatividade deste público hoje atua na área de educação e promoção social pois torna-se, diante a sociedade, um prolongamento da “condição feminina” estruturada pelo machismo (DERÓS & GOELLNER, 2009).

Esse cenário de histórica desigualdade de poder entre homens e mulheres é evidenciado há muito tempo. Contudo, não se pode dizer que de nada evoluiu o reconhecimento da mulher como autora e protagonista de sua própria história (ROMARIZ, VOTRE & MOURÃO, 2012). Atualmente, quando questionadas sobre atitudes tomadas para uma melhor qualidade de vida, mulheres respondem que o fim da discriminação do mercado de trabalho, igualdade de direitos, combate à violência contra a mulher, maior liberdade, redução da ideologia machista com maior reconhecimento por parte dos homens estão entre os pontos mais visados (DERÓS & GOELLNER, 2009).

Muito embora as ideias feministas já estivessem presentes no século XIX, o início do século XX anunciou um tempo de modernidades, onde a mulher brasileira de elite inicia sua emancipação na sociedade, cada vez mais se inserindo no espaço público, buscando o conhecimento. (MOURÃO 2000)

Dentro deste ideal de que a mulher era vista apenas como mãe e provedora do lar, instituiu-se uma lei no Brasil (1941-1979), que proibia as mulheres de praticarem esportes que exigiam força. Entretanto, a história com poder esclarecedor do passado e transformador do futuro, permitiu que diversas mudanças ocorressem em vários âmbitos os quais abrangem o esporte. Atualmente é incontestável a visibilidade da mulher no futebol feminino, e em outros esportes de equipe que antes eram majoritariamente masculinos (ANJOS et al, 2017).

Segundo a Sociedade Nacional de Fisioterapia Esportiva e da Atividade Física (SONAFE) houve crescimento da participação feminina em esportes olímpicos nas

Olimpíadas de 2016, realizadas no Rio de Janeiro, em que registraram o maior número de mulheres no esporte da história. Elas somaram 45% dos participantes, uma diferença relativamente baixa em comparação aos homens, porém, a atuação feminina na área técnica permanece tímida. Nos jogos do Rio de Janeiro, por exemplo, 127 pessoas trabalharam como voluntárias, no grupo, sendo apenas 25 mulheres (SONAFE, 2019).

Percebendo-se a área de fisioterapia desportiva com um caráter abrangente predominantemente masculino, a SONAFE fez uma campanha de solidariedade *#HeForShe*, que defende os direitos das mulheres e a igualdade de gênero (LIMA 2018).

Tendo em vista os avanços da mulher como atleta, o questionamento que, portanto, se inicia é quanto à visibilidade da mulher enquanto profissional dentro do esporte. O estudo de Câmara & Santos (2012), analisou-se perfil de 828 egressos de uma universidade de uma cidade de Minas Gerais. Cerca de 75% da amostra era feminina. Ou seja, a prevalência de bacharéis femininas neste curso é visivelmente maior que a masculina, porém, pouquíssimas destas atuam na área esportiva.

Dito isto, este estudo tem o intuito de verificar a inserção de Fisioterapeutas em clubes de modalidade esportivas masculinas. Especificamente, verificar a atuação de Fisioterapeutas Esportivas, membros da SONAFE, neste âmbito.

2 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo transversal com uma análise de banco de dados da SONAFE verificando perfis de fisioterapeutas mulheres que tem a especialização em Fisioterapia Desportiva e que atuam dentro de clubes de futebol masculino.

Entrou-se em contato, portanto, com um dos membros majoritários da SONAFE e solicitou-se, formalmente, o banco de dados para análise. Escolheu-se, as cegas, 27 perfis sem discriminação de sexo e os achados foram compilados em gráficos apresentados abaixo juntamente com uma discussão específica sobre a inserção desta profissional no âmbito Desportivo.

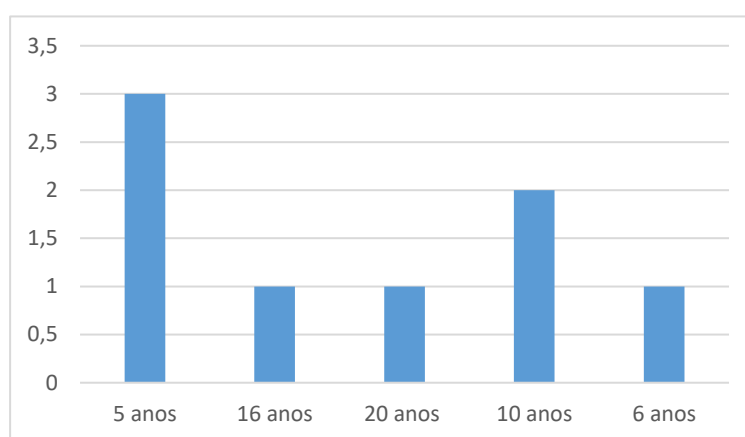
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS:

Analisou-se, portanto, perfil de 27 profissionais membros da SONAFE selecionados às cegas do banco de dados. Desta amostra, 19 profissionais era homens e

8, apenas, eram mulheres. A média de idade destas ficou em, aproximadamente, 32 anos de idade, sendo que a maioria delas possuíam titulação de mestres, especialização e até doutorado.

Ao analisar o tempo de formação destas fisioterapeutas membros da SONAFE, pode-se perceber que estão formadas há um tempo, consideravelmente, razoável como mostrado no gráfico abaixo.

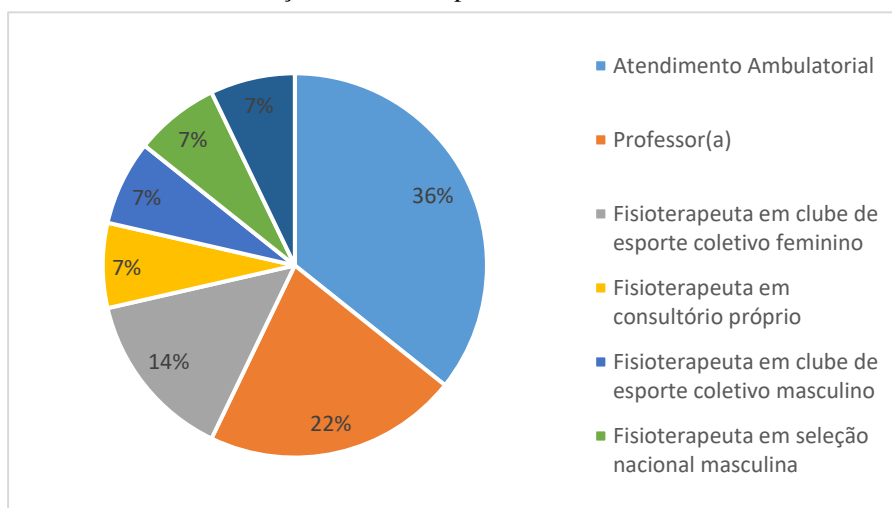
Gráfico 1: Tempo de formação das fisioterapeutas analisadas membros da SONAFE



Em relação ao local de atuação, 3 dos perfis femininos analisados residiam no estado do Rio Grande do Sul, 2 no estado do Paraná, 1 em São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais, totalizando 8 fisioterapeutas.

A área de atuação destas mulheres relacionadas à Fisioterapia Desportiva mostra, mesmo que inconscientemente e enraizado na sociedade, a dificuldade de acesso neste âmbito da atuação, sendo isto visível no Gráfico 2.

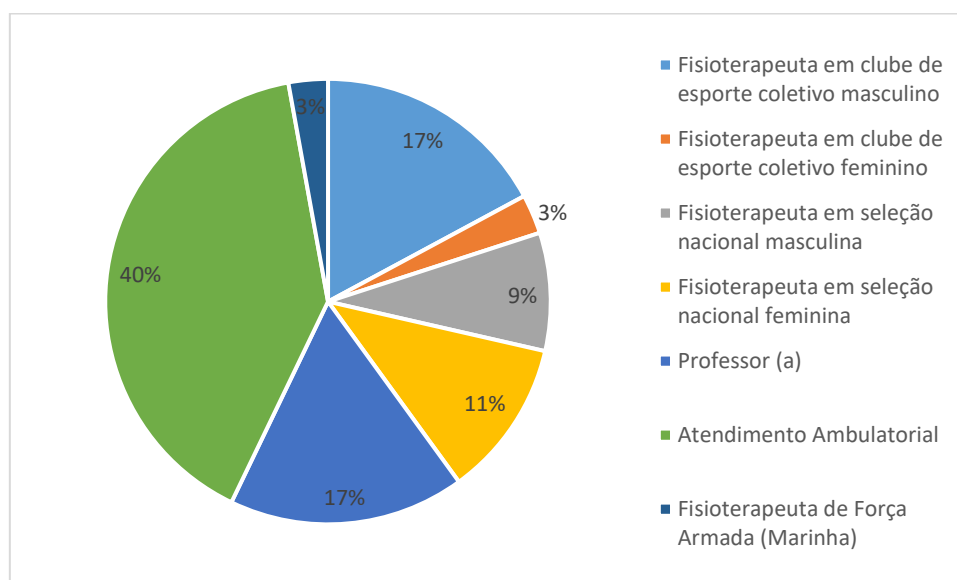
Gráfico 2: Área de atuação das fisioterapeutas analisadas, membros da SONAFE



Totalizando a integralidade da amostra, 36% das analisadas tem como predominância sua área de atuação com atendimento ambulatorial, seguido de 22% serem professoras e, apenas 14% entraram no meio esportivo, porém atuando com pessoas do mesmo sexo.

Já os homens analisados, com integralidade da amostra, 40% exerce atendimento ambulatorial, 17% segue a carreira acadêmica de docente e a mesma porcentagem atuam em clubes de esporte masculinos, como mostrado no gráfico 3.

Gráfico 3: Área de atuação dos fisioterapeutas analisados, membros da SONAFE.



Romariz, S.B, Votre, S.J & Mourão, L (2012), afirmam que é inegável que aconteceram progressos consideráveis em relação aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero no Brasil. Muitas ações, em diferentes instâncias sociais, econômicas e políticas, desde a década de 1950, colaboraram com essas mudanças, alterando comportamentos e atitudes frente à prática feminina em diferentes domínios profissionais. Mesmo que distantes de um ideal de igualdade de gênero, não se pode ignorar as mudanças positivas que se vem conquistando ao longo do tempo (MCLACHLAN, 2019). O questionamento, portanto, se torna: por que encontramos poucas mulheres atuando no comando de times em clubes, federações e confederações? Por que atuam em número tão reduzido como técnicas ou fisioterapeutas de seleções nacionais e de equipes esportivas de alto rendimento?

Franzini (2005), foi muito feliz em sua colocação:

“É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas.”

Toda a sociedade participa, mesmo que inconscientemente, de uma relação desigual de poder entre homens e mulheres em vários âmbitos (PINHEIRO, M.C, 2014). A utilização do termo “gênero” serviu, por séculos, para explicitar a invisibilidade da mulher nas grandes narrativas da sociedade (GOELLNER, 2012). A prática esportiva no Brasil é apenas um dos grandes exemplos a serem citados tendo em vista que, nos anos de 1941 até 1979 havia uma interdição oficial que *“proibia a prática de esportes violentos e não adaptáveis para mulheres”* (ANJOS et al, 2017). Até metade do século XIX, mulheres eram tratadas e criadas exclusivamente para serem esposas e mães, sendo a prática esportiva, muitas vezes, banida de seu cotidiano (GOELLNER, S.V, 2014) e estritamente rígidas de serem moldadas a um contexto de igualdade de gênero tão visado atualmente (PFISTER, 2003). Fato este, reconhecível pela ameaça aos valores sociais da época em que a ideia de superioridade masculina sobre a feminina era considerada normal (KNIJNIK & SOUZA, 2011).

Rubio e Simões (1999) complementam:

“Quando refletimos sobre a participação feminina no esporte, na atualidade, percebemos a necessidade de resgatar o contexto histórico onde esse fato se deu. Isso porque o papel desempenhado pela mulher no esporte confunde-se e mescla-se com seu papel social na história da humanidade, história essa escrita e interpretada de um ponto de vista masculino.”

Em um estudo realizado por Silva et al (2011) foram analisados perfis de 49 fisioterapeutas. Apenas cinco destes eram mulheres e estavam atuando em seleções e/ou clubes de voleibol. Apenas metade de todos os fisioterapeutas analisados tinham

formação em Fisioterapia Desportiva. Pode-se ver com clareza o método de inserção dos profissionais dentro de clubes, muitas vezes gerenciados de forma exclusivamente masculinas, que ocorre por meio de indicação de gestores e/ou profissionais já inseridos. A discrepante diferença dentre o número de profissionais fisioterapeutas homens atuando dentro de clubes de esporte é visível. Essa situação se diz pertinente ao preconceito de gênero ainda intrínseco na sociedade atual (SILVA et al, 2011).

Silva et al (2011), afirma ainda que o entendimento sobre a inserção e atuação da fisioterapeuta desportiva brasileira na equipe interdisciplinar pode contribuir para uma melhor organização de serviços e, conseqüentemente, melhor atendimento ao atleta, entretanto em seu estudo, nos times de futebol selecionados, não houve profissionais do sexo feminino, uma vez que as poucas fisioterapeutas da amostra trabalhavam em times de voleibol. Ele concluiu, portanto que se detectou pequena presença de mulheres como fisioterapeuta do esporte, em comparação com os fisioterapeutas homens. A presença feminina foi exclusivamente no voleibol, revelando um possível preconceito contra a participação de mulheres fisioterapeutas no futebol profissional.

Aldeman (2006) ao entrevistar mulheres praticantes de esporte traz-nos a seguinte afirmação: *“O vôlei eles acham que é feminino, acham que basquete é mais masculino (...) Mas eu acho que o esporte para a mulher é tudo igual, a diferença vem de fora”*. Percebe-se, portanto, que a relação entre machismo e sua réplica dentro da sociedade não é apenas uma discussão pertinente, mas sim necessária para um contexto de mudança social e de inserção da mulher nos demais âmbitos que até então, eram inacessíveis (FRANZINI, 2005).

Em uma entrevista relacionada ao mercado de trabalho no futebol para as mulheres fisioterapeutas, de Vellei, C. (2014), também foi ressaltada as dificuldades de acesso ao cargo. A primeira fisioterapeuta mulher a trabalhar no futebol de Alagoas, diz que sofreu com o preconceito, mas conquistou o respeito dos atletas ao longo do período de atuação. Outro fator importante por ela é questão do tato vs. assédio. Ambas entrevistadas relataram nunca terem sofrido assédio por parte de qualquer membro da equipe e/ou atleta.

O estudo de Shiwa, Schmitt & João (2016) analisa o perfil de 2323 fisioterapeutas, sendo que destes, 80% da amostra é feminina. Tendo em vista uma predominância de gênero dentro do curso de Fisioterapia, torna-se relevante pensar nas

barreiras enfrentadas por elas para acessar um mundo predominantemente masculino desde a gestão até a sua execução (FERREIRA et al, 2013). A maior representatividade de mulheres, sejam elas fisioterapeutas ou não, destina-se à educação e promoção social tendo em vista que se torna uma extensão da condição feminina imposta há séculos relacionada à maternidade e submissão (DERÓS & GOELLNER, 2009).

A história se repete quando se trata de técnicas esportivas no Brasil, Ferreira et al (2013), constatou em seu estudo que as mulheres representam apenas 7% dos técnicos brasileiros. Como motivos para a pequena atuação feminina no cargo emergiram as barreiras enfrentadas pelas técnicas: a dificuldade de ascensão, a aceitação feminina da exclusão, a falta de mulheres com perfil e a desistência da carreira. Tornam-se visíveis que os mesmos motivos se bastam para a fisioterapeuta enquanto mulher dentro do esporte. Para inseri-las e progredir na carreira, elas se deparam com muitos obstáculos, desde o preconceito até os baixos salários.

Norman (2010) reforça:

“Entretanto, a conquista do espaço feminino no esporte pode ser considerada de alcance apenas parcial. No que se refere ao comando esportivo, são os homens que ainda prevalecem. As esferas administrativas do esporte, incluindo os cargos de direção e de tomadas de decisão, constituem espaço de domínio masculino. Isso porque a associação entre autoridade e masculinidade ainda tem grande força na percepção das pessoas.”

A baixa representatividade de mulheres em cargos de comando e esportivos tem sido explicada por meio da metáfora do "teto de vidro". Essa expressão, já consagrada em estudos organizacionais e de gênero, surgiu em 1985 no *Wall Street Journal* com o termo americano *glass ceiling*. E desde então, vem sendo entendida como a barreira artificial e invisível que impede o acesso de mulheres a cargos de liderança e hierarquia superior, considerados inatingíveis para elas (FERREIRA et al, 2013).

A analogia do "teto de vidro", relata que as mulheres ocupam posições inferiores, justamente por visualizarem os postos acima delas por meio da transparência de um teto de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la por mais frágil que essa barreira pareça. Vale a ressalva que esta exclusão não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples e supérfluo fato de serem mulheres. A

busca pela igualdade entre os gêneros trata, dentre outros pontos, disto: oportunidades e remunerações iguais e justas para indivíduos que trazem junto de si as mesmas habilidades, sem distinção de gênero (FERREIRA et al, 2013).

Para as mulheres que fizeram parte do estudo de Ferreira et al (2013), fica evidenciado que persiste a concepção da mulher como o “sexo frágil”, sendo a fragilidade difícil de ser encaixada no meio esportivo, principalmente em cargos profissionais. Sucessivamente vem a falta de espaço e oportunidades para a inserção e ascensão de mulheres nos cargos. O domínio masculino provoca não somente o fechamento desse espaço para as mulheres, como o questionamento da capacidade daquelas que tiveram acesso ao posto. Além de que a falta de reconhecimento, a baixa remuneração obriga as mulheres a procurarem outros empregos para complementar a renda, está situação dificilmente ocorre em um cenário masculino.

Algumas entrevistadas do estudo de Ferreira et al (2013) acreditam que as próprias mulheres também são responsáveis por sua baixa representatividade no comando esportivo. Elas se conformam e se acomodam diante da reserva masculina em cargos dessa natureza. As mulheres acabam interiorizando o domínio dos homens e muitas sequer representam a profissão no meio esportivo como possível para elas. Os principais motivos de desistência identificados foram a *síndrome de burnout* (distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso, definido por Herbert J. Freudenberger como "(...) *um estado de esgotamento físico e mental cuja causa está intimamente ligada à vida profissional*", a insatisfação com a remuneração recebida e as barreiras enfrentadas. Verificou-se que essas mulheres são motivadas na profissão pelo sonho olímpico, pela satisfação em formar e recuperar pessoas e atletas, e pelo amor ao esporte. Desse modo, quando elas alcançam as metas traçadas, a motivação vai sendo perdida, pois a remuneração é tão baixa que não se configura como estímulo para elas.

Ferreira et al (2013) conclui afirmando:

Embora as dificuldades sejam inúmeras, essas mulheres encontraram nos resultados alcançados, nas suas qualidades, no suporte de terceiros, na sua entrega e motivação para o trabalho os meios de conquistar seu espaço no cenário esportivo.

Visto isso, empoderar, segundo Anjos et al (2017) quer dizer “*processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade e ação e decisão*”. O emponderamento feminino dentro de contextos em que a gestão e a atuação são exclusivamente masculinas torna-se temeroso. Contudo, as principais protagonistas desta história podem e devem mostrar-se aptas para atuar em diferentes âmbitos sem serem discriminadas simplesmente pelo gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro deste estudo observa-se que apesar das evoluções, diretrizes e competências a fisioterapeuta mulher dentro da área desportiva é pouco visada e conseqüentemente pouco contratada. Com base nos dados colhidos neste estudo, nota-se que o homem ainda ocupa maior significância desta fatia no mercado de trabalho, uma vez que ainda se percebe, infelizmente, essa cultura enraizada do machismo e da submissão feminina. Através dos dados da SONAFE e da análise de artigos constatou-se que por fatores englobados apenas 7% das mulheres que responderam a pesquisa estão inseridas em equipes masculinas contra 17% dos homens inseridos neste ramo da fisioterapia.

De fato, pela amostra não ser toda integralidade dos membros da SONAFE pode haver alguns vieses em relação aos dados analisados, sendo imprescindível que novos estudos sejam realizados com um grupo amostral de maior valência.

Dentro do âmbito de inserção da fisioterapeuta em clubes de esporte coletivo masculino, torna-se cada vez mais relevantes discussões de gênero que venham a esclarecer e destruir as raízes machistas que encontram-se fixas no contexto esportivo.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril de 2006.

ANJOS, L.A.; RAMOS, S.S.; JORAS, P.M.; GOELLNER, S.V. Gurreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**. V26 n1, p 1-16, 2017.

BERTOLLO, S.H.J; SCHWENGBER, M.S.V. III Plano Nacional de Políticas para as Mulheres: Percurso de uma pré-política de Esporte e Lazer. **Revista de Educação Física da UFRGS**. V23 n 2, p 783-796, 2017.

BRASIL. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília. 2004.

CÂMARA, A.M.C.S; SANTOS, L.L.C.P. Um Estudo com Egressos do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – 1982-2005. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA**. 36 (1, Supl. 1) : 5-17; 2012

DERÓS, C.C.; GOELLNER, S.V. As Mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro: um estudo pioneiro. **Revista Movimento**. V15, n2, p 235-242, 2009.

DÉROS, C.C; GOELLNER, S.V. As Mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro: um estudo pioneiro. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 235-242, abril/junho de 2009.

FERREIRA, H.J; SALLES, J.G.C; MOURÃO, L; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal**. vol. 19, núm. 3, julio-septiembre, 2013, pp. 103-124

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho?”. Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. V25 n5, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, S.V. Mulher e Esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**. v8 n1, p 85-100, 2006.

KNIJNIK, D; SOUZA, J.S.S. Brazilian women in the sports press: a case study. **Journal of HUman Sport and Exercise**. V6 n 1, p 12-26, 2011.

KNIJNIK, J. D; SOUZA, J. S.S. Brazilian women in the sports press: a case study. **Journal of Human Sport and Exercise**, vol. 6, núm. 1, 2011, pp. 12-26

LIMA, A. Participação de mulheres no esporte cresce, mas ainda é inferior a dos homens. Disponível em < <https://www.secad.com.br/blog/fisioterapia/mulheres-no-esporte-participacao/>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

MCLACHLAN, F. It's Boom Time! (Again): Progress Narratives and Women's Sport in Australia. **Journal of Australian Studies**. 2019, VOL. 43, NO. 1, 7–21

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Revista Movimento**, v7, n13, p 5-18, 2000.

NORMAN, L. Bearing the Burden of Doubt. **Journal Research Quarterly for Exercise an Sport**. Volume 81, 2010.

PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas -Tendências mundiais. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11-35, maio/agosto de 2003.

PINHEIRO, M.C. An analysis of the feminist-figurational debate on the study of gender and sport. Article in *Movimento* : **Revista da Escola de Educação Física** · February 2014

ROMARIZ, S.B; VOTRE, S.J.; MOURÃO,L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Revista Movimento**. V18 n4, p 219-237, 2012.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **In: Movimento**, ano V, n. 11, 1999. p. 50-56

SHIWA, S.R; SCHMITT, A.C.B; JOÃO,S.M.A. O fisioterapeuta do estado de São Paulo. **Portal de Revistas da USP- Fisioterapia e Pesquisa**. v. 23 n. 3 (2016)

SILVA, A.A; BITTENCOURT, N.F.N; MENDONÇA, L.M; TIRADO, M.G; SAMPAIO, R.F; FONSECA, S.T. Análise do perfil, funções e habilidades do fisioterapeuta com atuação na área esportiva nas modalidades de futebol e voleibol no Brasil. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, vol. 15, núm. 3, mayo-junio, 2011, pp. 219-226

SONAFE – SOCIEDADE NACIONAL DE FISIOTERAPIA DESPORTIVA. Igualdade nos esportes em todo o mundo. Disponível em <<http://www.sonafe.org.br/site/detalhes-artigo/104>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

VELLEI, C. O mercado de trabalho no futebol para as mulheres fisioterapeutas. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentodasprofissoes/o-mercado-de-trabalho-no-futebol-para-as-mulheres-fisioterapeutas/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2019.